

# Intervenção do Estado na sociedade é criticada

Seminário discute como o excesso de regulação pode afetar a livre expressão, a vida dos cidadãos e até a economia

Carla Rocha e  
Henrique Gomes Batista

• A importância da liberdade de expressão para a democracia, os males de um Estado intervencionista e a onda do politicamente correto foram temas que reuniram ontem, em torno de uma mesa de debates, jornalistas, advogados, escritores, entre outros profissionais interessados e preocupados com o assunto. O seminário “Liberdade em Debate — Democracia e Liberdade de Expressão”, promovido pelo Instituto Millenium, teve como convidado especial o escritor americano David Harsanyi que, durante o evento, autografou seu livro “O Estado babá”.

Foram muitas horas de discussão, e de troca de impressões, sobre como a questão é tratada no país. Houve um certo consenso de que há um excesso de regulação por parte do Estado brasileiro, o que atinge, além da vida do cidadão, a esfera pública, em especial os negócios e o crescimento econômico. O evento, que aconteceu no Hotel Windsor, em Copacabana, foi mediado pela jornalista Monica Waldvogel. Na abertura, o diretor do Instituto Millenium, Paulo Uebel, afirmou que um dos objetivos de se aprofundar a discussão é analisar diversas restrições que começam a surgir no Brasil, como as impostas pelas agências reguladoras.

— Os países em que há mais restrições e censura são os países em que há mais corrupção e ineficiência — disse Uebel.

Ele defendeu a melhoria da educação como forma de reforçar a democracia no Brasil. Segundo Uebel, debates que podem ser incômodos para alguns precisam ser enfrentados para aprimorar a liberdade.

O escritor americano David Harsanyi afirmou que o “Estado babá”, como ele define as leis restritivas impostas por diversos governos no mundo, incluindo EUA e Brasil, limita a liberdade de escolha e presta um desserviço à cidadania. Para Harsanyi, além disso, a criação de uma estrutura estatal para fiscalizar essas leis reguladoras contribui para elevar os custos de operação do Estado.

— O excesso de leis infantiliza a sociedade; e, ao mesmo tempo, as crianças que crescem nesse ambiente têm menor capacidade de discernimento — afirmou o escritor que, em seu livro, diz que o Estado demasiadamente protetor transforma cidadãos em crianças mimadas e vitimizadas.

Harsanyi lembrou a experiência de algumas cidades americanas, em que se chega a interferir no cotidiano das pessoas. Ele citou, como exemplo, a proibição de se fumar em locais fechados em Nova York e as normas de São Francisco, onde o governo determina até a quantidade de ração dada a um cão.

— Vi todas essas coisas acontecendo e percebi que, isoladamente, as restrições não parecem ruins, mas o conjunto desses miniatuques à liberdade mostram que o problema é muito maior, que não tem a ver com ideologia, com esquerda e com direita, mas com um problema que afeta toda a sociedade.

A liberdade de expressão dominou o primeiro painel do evento, “Cultura da Intervenção x Soberania Popular”. Tonet Camargo, vice-presidente do Grupo RBS, falou dos problemas relacionados à imprensa:

— A liberdade de imprensa é, do ponto de vista jurídico, um tema decidido pelo Supremo Tribunal Federal, que sepultou a velha Lei de Imprensa. Quero acreditar que, politicamente, também já ficou decidido no discurso de posse de Dilma Rousseff. Mas devemos ficar atentos porque o preço da liberdade é a eterna vigilância.

A cultura oficialista do Brasil é, para o advogado Gustavo Binenbojm, doutor em direito público, responsável por ainda persistir uma dicotomia entre regulação e liberdade. Acredita-se mais no poder decisório do Estado do que na capacidade de



Fotos de André Teixeira

O ESCRITOR americano David Harsanyi, autor do livro “O Estado babá”, fala na abertura do evento: “O excesso de leis infantiliza a sociedade”

“  
Percebi que, isoladamente, as restrições não parecem ruins, mas o conjunto desses miniatuques à liberdade mostra que o problema é muito maior, que não tem a ver com ideologia, com esquerda e com direita, mas com um problema que afeta toda a sociedade

David Harsanyi, autor de “O Estado babá”



PEDRO PAULO Cristofaro, Patrícia Blanco e Gustavo Binenbojm debatem com Monica Waldvogel



O DIRETOR do Instituto Millenium, Paulo Uebel: aposta na educação

juízo dos cidadãos.

— Isso se consubstancia na forma de censura e de medidas restritivas da liberdade de escolha do cidadão. Um exemplo disso foram as restrições feitas aos programas de humor no período eleitoral. Felizmente o Supremo Tribunal Federal defendeu o direito à livre expressão e o direito das pessoas à informação — analisou Binenbojm.

Entre os entraves que ainda persistem, o advogado mencionou a classificação indicativa que separa filmes e a programação de TV por faixas etárias.

Presidente executiva do Instituto Palavra Aberta, fundado há um ano para defender os valores da livre expressão, Patrícia Blanco abordou o impacto das informações publicitárias no desen-

volvimento do país. De acordo com ela, o setor também sofre com uma regulação excessiva.

— Aqui no país vemos uma regulação excessiva, que reduz a competição. O Brasil está numa situação muito ruim e os entraves burocráticos prejudicam novos negócios — disse ela, acrescentando ainda que a cobrança exagerada sobre empresas idôneas, que seguem as leis, acaba abrindo espaço para outras que atuam na ilegalidade e não têm qualquer compromisso com as regras de mercado. ■

**O GLOBO EM SMS**  
Receba as principais manchetes no seu celular. Envie um torpedão com o texto OGLMAN para 50020 R\$ 0,10 por mensagem (mais impostos). Até 6 notícias por dia

## Ameaças até no carnaval

Leis restritivas se difundem pela sociedade

• As ameaças às liberdades individuais avançam para cada vez mais setores. Nos Estados Unidos, além de Nova York, cidades como São Francisco seguem a mesma lógica e já limitam o fumo até em ruas abertas. Em toda a América, surgem leis que restringem alimentos gordurosos. Novas normas tentam interferir até mesmo no lazer das crianças, como a proibição, no estado do Colorado, da brincadeira de esconde-esconde, segundo o escritor David Harsanyi.

Este debate, em menor medida, já chega ao Brasil. O cientista político Alexandre Barros afirma que a proposta da prefeitura do Rio de diminuir o número de blocos de

carnaval demonstra a vontade dos governos de tutelar a vida das pessoas. Em sua opinião, o eventual choque entre o direito à liberdade de expressão e o direito de ir e vir das outras pessoas, que acabam afetadas pelos blocos de rua, não chega a ser um problema em si:

— Se a prefeitura decide que só dará autorização para blocos antigos, proibirá os novos e impedirá a renovação do carnaval.

Ao discorrer sobre o politicamente correto, o humorista Marcelo Tas, que é jornalista, culpou em parte a imprensa por reforçar essa onda:

— Eu acho que o humor é uma boa vacina contra o politicamente correto.

## Novas tecnologias e acesso à educação reforçam a democracia

Redes sociais cumprem novo papel, como demonstrou revolução no Egito no começo do ano; importância do tema só tende a crescer

• A revolução nas comunicações alterou o rumo do debate sobre liberdade de expressão, segundo os participantes do evento promovido ontem no Rio pelo Instituto Millenium. Paulo Uebel, diretor do instituto, lembrou que é necessário melhorar a qualidade da educação como forma de reforçar a democracia no Brasil. Segundo ele, debates que podem ser incômodos para alguns precisam ser feitos para garantir a liberdade:

— Temos que ter cuidado com a premissa da incapacidade popular de tomar decisões.

Tonet Camargo, vice-presidente do Grupo RBS, lembrou que grande parte dos conceitos de comunicação e liberdade existentes até então está passando por revoluções com o avanço tecnológico. Ele afirmou que isso altera as lutas por democracia e que, ao mesmo tempo, causa revoluções na sociedade.

— O caso do Egito é um exemplo, uma revolução organizada em redes sociais, sem líderes. Quem é o Fidel Castro do Egito? Não existe. Isso é um ponto muito importante que temos que discutir — afirmou Tonet, que acredita que o Estado ainda intervém muito na sociedade, citando como exemplo a relação entre empregadores e empregados, que segundo ele, sofre com uma ingerência estatal que che-

ga a ser contraproducente.

Ele afirma que os debates têm de ser feitos de forma profunda e com o foco no cidadão, pois há armadilhas nessas questões:

— Em debates como este, tendemos a usar como pano de fundo a questão da liberdade de expressão. Não se pode cair nesta discussão. A intervenção do Estado na tutela do cidadão é um passo atrás e parte do pressuposto de que o cidadão é insuficiente — disse. — São as pessoas que decidem o que querem e o que não querem. A informação é gerada nas redes sociais e, mais do que nunca, a maioria deve ser considerada. Não podemos aceitar que uma minoria se submeta à maioria.

**Avanços serão fundamentais nos próximos 30 anos**

O economista, sociólogo e diplomata Marcos Troyjo disse, durante o debate em um dos painéis, que a luta pela liberdade de imprensa e de expressão passa pelo acesso tecnológico. Ele lembrou que o mundo vive um momento de transformação e que o Estado tem de ter um papel de farol neste processo, não de “babá” ou de “babão”, no sentido de ultrapassado:

— A tecnologia terá uma importância brutal de como a democracia e a liberdade de expressão vão evoluir nos próximos 25, 30 anos — afirmou.

Ricardo Gandour, diretor de conteúdo do Grupo Estado, afirmou que a sociedade está evoluindo na consolidação da democracia e do seu direito de livre-arbitrio. Otimista, ele acredita que o momento é ideal para que o Estado volte à sua função primordial:

— É preciso resgatar a verdadeira agenda do Estado, que deve atuar com a melhor ênfase na definição do serviço público *strictu sensu*, proporcionando cidadania, orientando e protegendo de alguma forma os vários interesses da sociedade — disse ele, que questionou se Brasil não estaria caminhando para um ambiente de excesso de leis.

O escritor americano David Harsanyi informou que nos Estados Unidos, em geral, as leis restritivas são propostas por governos e comunidades locais, mas que o governo de Barack Obama ampliou o conceito de “Estado babá” e que isso prejudica a liberdade. Ele afirmou que, em muitos casos, isso só atrapalha:

— Por causa de um único garoto que se afogou, foi feita uma lei que cria um sistema de fiscalização em todas as piscinas. O custo é impressionante. Seria a mesma coisa que criar fiscais para ver como as crianças brincam nas praças, proibir as crianças de correr, e eu não quero viver em um país assim — disse ele. ■